

EJA, CURRÍCULO E TRABALHO: CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES.

Educação Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EMEJA) - 11

André Ferreira de LIMA

andre.lyma@bol.com.br

Cynthia Michele Torres ALVES

cinthia_doida@hotmail.com

Aristófanés Alexandre da SILVA

oberon_avalon@hotmail.com

Resumo: O trabalho delinea reflexões de uma Especialização em EJA com Ênfase em Economia Solidária oferecida pela UFCG. O estudo é de caráter bibliográfico, depois pretendemos focalizar o currículo de matemática na EJA. Mostramos o retrato da EJA no Brasil, evidenciando leis que regulamentam, alunos da modalidade, o motivo de estarem nesse nível de ensino e alguns problemas enfrentados pelos educadores que lecionam para essa clientela. Posteriormente expomos a situação do Currículo na escola, apontamos os personagens que monopolizam o currículo, que vantagens essas pessoas levam, como deveria ser um currículo mais próximo do educando e elencamos os mais prejudicados com a imposição do currículo. Por último definimos o conceito de trabalho sob o enfoque da EJA, mostrando a importância do ofício para esses educandos e conscientizando as desigualdades sociais referente às divisões de classes e a importância dos estudos para que eles cresçam profissionalmente. Em fim, o artigo visa impulsionar reflexões sobre o tema em questão.

Palavras-Chave: EJA; Currículo e Trabalho.

1. Educação de Jovens e Adultos

Nos últimos anos a modalidade de EJA vem ganhando destaque nos eventos, encontros, seminários, congressos e para o Governo Federal, só para termos ideia, conforme a Revista Escola:

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) foram algumas das conquistas na área da educação nesses 20 anos, que proporcionaram o crescimento da modalidade. (REVISTA ESCOLA, 2009, p.46).

Essas realizações não são motivos ainda para o sucesso da EJA, são muitos os problemas que deverão ser solucionados e ajustes naqueles que não deram certo. A partir de agora faremos uma exposição resumidamente das principais características que norteiam esse nível de ensino.

Uma delas está relacionada ao crescimento da EJA e a falta de recursos, apenas 15% do Fundeb é destinado à modalidade. Além disso, não podemos destacar que a falta de divulgação também influencia o aumento desse nível de ensino, segundo a professora Jane Paiva em entrevista concedida à Revista Escola, os municípios e estados tem uma parcela de culpa neste contexto, pois ambos têm o receio de que a procura por esse ensino seja grande e eles não possam dar conta. Diante disso, foi discutido pelo Conselho Nacional de Educação em 2008, que as escolas regulares devem garantir a permanência dos jovens entre 15 a 17 anos, sendo possível se matricular na EJA somente a partir dos 18 anos, no entanto, essa medida não foi aprovada.

Outra se refere ao desafio que os educadores da Educação de Jovens e Adultos enfrentam: a mistura de adolescentes com idosos, alguns daqueles argumentam que seria melhor que separassem as turmas por faixas etárias, eles questionam que a heterogeneidade inviabiliza o desenvolvimento de alguns trabalhos na sala de aula. Conforme pensamento de Sônia Giubilei, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em EJA da Universidade Estadual de Campinas, em entrevista a Revista Escola, “É difícil para o professor conjugar interesses de pessoas que têm históricos e objetivos tão diversos”. (REVISTA ESCOLA, 2007, p.72). Em virtude disso, há discussões entre pesquisadores, estudiosos e educadores nesse tema, uns são contra, outros apoiam, aqueles acreditam que o ideal é formar turmas por faixas etárias, com currículos e metodologias adequadas a cada nível. Pois,

Como os adultos já têm uma perspectiva de mundo estabelecida, se percebeu que os programas que mais obtém êxito em seus objetivos são aqueles que conseguem associar o curso ao cotidiano do grupo ensinado. (REVISTA ESCOLA, 2009, p.47).

Mas, para os alunos, a ideia de todos juntos é boa, os mais velhos se sentem as mãezonas dos adolescentes, um exemplo disso é quando há escolha para representantes de turmas, os educandos mais novos querem que os de mais idade sejam os representantes, mas esses acham que os na flor da idade estão com mais disposição, preferindo que estes sejam os representantes. Em suma, para Roberto, coordenador do programa de EJA da ação Educativa em São Paulo, essa mistura não atrapalha o andamento das aulas, pois todos desejam terminar o ciclo fundamental de estudos. Reforçando essas ideias temos:

Quando a gestão funciona, os professores são bem formados e o currículo é organizado levando em conta as pluralidades de idades, o clima pode ser harmonioso, e o contato com pessoas de idades diferentes, positivo. Quando o jovem está sozinho em meio a colegas mais velhos, no entanto, sente falta de se relacionar com pessoas da mesma faixa etária. (REVISTA ESCOLA, 2011, p.100).

Percebemos que há respostas para os dois lados, mas na realidade, a questão está no modo como as aulas são criadas, que recursos são utilizados, como é tratado o currículo e de acordo com Maria Clara em entrevista na própria revista, também a falta de experiência para lidar com conflitos entre gerações diferentes, esses fatores dependem da formação do educador que irá trabalhar com essa clientela. Para se ter uma ideia, no Brasil são poucos os cursos de pedagogia do país que têm conteúdo específico para a EJA.

Afinal de contas. Quem são os alunos da EJA? Esse questionamento é motivo de preocupações para os especialistas da área, uma vez que, essa modalidade de ensino que foi criada com intuito de oferecer educação de qualidade aos que não tiveram acesso na idade própria, ou porque esse direito foi negado ou por algum motivo pessoal. Segundo a Revista Nova Escola, três motivos sociais serão, possivelmente o fato de todos os anos grande parte das pessoas deixem os bancos escolares para retornarem posteriormente: Vulnerabilidade, trabalho e gravidez precoce; o primeiro se refere à qualidade de vida que os estudantes

recebem da sociedade, ou seja, pobreza, drogas, violência juvenil e exploração fazem com que os alunos deixem as salas de aula e quando querem voltar o único espaço educativo que pode recebê-los é a EJA; o segundo diz à necessidade de ajudar financeiramente suas famílias, sendo obrigados a deixar de concluir o ensino fundamental, muitos não conseguem conciliar os estudos com o trabalho, assim mudam para o turno noturno; por último, o terceiro é bastante conhecido, ele acontece mais com as meninas, isto é, a gravidez antes dos 18 anos faz com que elas deixem a escola para cuidar de seus bebês.

Além desses três motivos existem outros que também influenciam o aumento de matrículas de jovens na EJA, conseqüentemente, diminuição no ensino regular, são a reprovação ou evasão, distância na escola no campo, desmotivação (o desafio é fazer com que as aulas do ensino básico sejam atraentes, não deixando que os alunos com mais de 15 anos saiam do ensino básico), decisão do gestor (isso é habitual, a maioria dos gestores praticam um ato de irresponsabilidade, isto é, aqueles alunos que são problemáticos, faltosos, indisciplinados e que praticam mal exemplo para os demais são convidados a saírem do ensino básico para a EJA).

2. Concepção de Currículo

Conforme Soares, Taffarel e Varjalet al (1993), a palavra currículo, vem do latim (curriculum), e tem como princípio o percurso pelo qual o homem realiza o seu processo de assimilação do conhecimento mediado pela escola, isto é, são os métodos através dos quais, a instituição de ensino utiliza para que o saber científico seja repassado aos seus alunos. Porém, muitas vezes esses saberes não interessam ou não estão em conformidade com o cotidiano dos indivíduos que estão inseridos no processo educativo, isso acontece porque, a função do currículo era para promover a reflexão do aluno, mas não é o que acontece na realidade, por isso, os educandos não têm uma formação conivente com as exigências da vida. Na maioria das vezes, a escola nega os conhecimentos prévios dos discentes, não há uma valorização desse saber, e sim um confronto entre saberes científicos e saberes populares, percebemos essas ideias nas próximas linhas:

A escola: [...] apropria-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno traz do seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano: a ideologia, as atividades dos alunos, as relações sociais, entre outras [...] pode-se que o objeto do currículo é a reflexão do aluno. A escola não desenvolve o conhecimento científico. Ela se

apropriá dele, dando-lhes um tratamento metodológico de modo a facilitar a sua apreensão pelo aluno. (SOARES, TAFFAREL e VARJAL et al, 1993, p.27).

Segregado e disciplinador, essas são algumas palavras que caracterizam o currículo em nossas escolas, ele é separado por disciplinas, que por sua vez são compostas por conteúdos, que na maioria das vezes não enriquecem a aprendizagem dos educandos. A escola aprendeu a trabalhar os conteúdos do currículo de maneira solta, isolada, estanque, como se um tema não tivesse nada haver com o outro, podemos citar as “datas comemorativas” como uma explicação para tal fato. As ideias da teoria pós-colonial vieram para desmistificar esse entendimento, então:

Uma perspectiva pós-colonial questionaria as experiências superficialmente multiculturais estimuladas nas chamadas “datas comemorativas”, o dia do Índio, da Mulher, do Negro. Uma perspectiva pós-colonial exige um currículo multicultural que não separe questões do conhecimento, cultura e estéticas de questões de poder, política e interpretação. (TADEU, 2007, p.130).

Essa prática não influencia de nada na aprendizagem dos nossos discentes, uma vez que, quando alguma data comemorativa está próxima, as escolas desenvolvem projetos desconexos, superficiais e isolados juntamente com os professores e alunos, o objetivo desses projetos é apresentar à comunidade escolar em apenas uma semana ou dia específico. Acreditamos que o erro acontece nos tipos de atividades desenvolvidas para aquela ocasião, pois, nossos alunos são motivados a decorarem peças teatrais, textos para serem lidos diante do público, fantasiados, fazerem pinturas, resumos e etc. Mas o que é mais importante não é discutido: o espírito reflexivo dos alunos, ou seja, será que é preciso esperar chegar o “dia do índio” para mostrar aos educandos quem foram realmente esses povos?

Outra característica do currículo é a imposição de regras, limites, poderes, disciplinas entre outros, alguns educadores usam os poderes do currículo para controlar seus alunos, para atribuir notas, conceitos e aferir a educação a partir dos exames nacionais.

Mas entendemos que essa prática aumenta a exclusão daqueles que trazem conhecimentos de seu cotidiano, ela faz com que a sala de aula seja dividida entre os que detêm o saber científico e os que não tiveram oportunidades de transformar os saberes populares em científicos, assim, mais uma vez, “o currículo existente está baseado numa

separação rígida entre “alta” cultura e “baixa” cultura, entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano”. (TADEU, 2007 p.115). Concordamos com o autor, pois o currículo tradicional defende que as nossas salas de aulas sejam homogêneas, isto é, que todos aprendam de uma única maneira, que todos obtenham resultados significativos nas avaliações, que os conteúdos tenham tempo programado para começar e terminar, mas sabemos que não é assim, os educandos tem particularidades diferentes, necessidades diferentes, prazeres diferentes, portanto, aprendem de maneira diferente, por isso, são necessários currículos diferentes. Reforçando esse pensamento, buscamos bases sólidas, que defendem a mesma ideia, portanto, “O espaço da sala de aula e do ensino deve se constituir num espaço revolucionário, propício às múltiplas aprendizagens e construção de saberes diversificados”. (OLIVEIRA, 2006, p.9).

O currículo não se restringe simplesmente à escola, ele perpassa as muralhas escolares, ele deve atuar de modo que os nossos educandos sejam capazes de perceber a situação a qual vivem, a partir daí, eles devem fazer reflexões e participar como indivíduos atuantes, críticos e elaboradores de um projeto de vida que seja coletivo, que atendam as necessidades do coletivo, assim, “a função social que deve exercer o currículo, consiste em, desenvolver a reflexão do aluno sobre o conhecimento, de modo que este pense a sua realidade social, e reflita sobre a mesma, tornando-se um ser ativo e participante de seu processo histórico” (BARROS et. all, p.9, 2011). Mas, o currículo é o pleno funcionamento da escola, é através dele que as coisas funcionam no ambiente escolar, no entanto, este, na maioria das vezes não está para servir aos interesses da população, e sim aos do capitalismo.

Acreditamos que o currículo não funciona adequadamente devido às diretrizes que nós, educadores, praticamos, ou seja, de acordo com Tadeu (1996), a educação e o currículo estão implicados em relações de poder, isso significa que a construção do currículo é feita por camadas da população que monopolizam a educação, dessa maneira, o currículo favorece a uma pequena minoria de pessoas, que geralmente são aquelas que estão em condições econômicas favoráveis à aprendizagem.

3. O conceito de trabalho sob enfoque na EJA

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o trabalho é: “1. Ato de trabalhar; 2. Qualquer ocupação manual ou intelectual; 3. Esmero, cuidado que se emprega na feitura de uma obra; 4. Obra feita, ou que se fez ou está para fazer; 5. Labutação, lida; 6. O fenômeno da

vitalidade dos órgãos”. (Dicionário Priberam). O nosso foco está em conformidade com a segunda definição, isto é, informalmente o trabalho é algo que o indivíduo se ocupa em fazer, ganhando ou não uma remuneração para tal atividade, uma das características daquele se refere ao fato de gastar-se energia para a execução do mesmo, seja manual ou intelectual.

No contexto social, é através do trabalho que o homem torna-se digno, cidadão, autônomo, humano e útil naquilo que ele gosta de fazer, além disso, o indivíduo que não se ocupa em atividades profissionais é mais propício a adquirir doenças psicológicas. Em conformidade com as nossas idéias, temos: “O trabalho é o processo social pelo qual o homem se modifica, altera o que é necessário e desenvolve novas idéias”. (Paraná, 2006, p.28). É através do trabalho que o sujeito transita do estágio de baixa estima para a alta estima, isto é, aquele tem o poder de trazer felicidade para os homens, embora seja na maioria das vezes superficial.

Focando a noção de trabalho dentro da educação, especificamente a de Jovens e Adultos, percebe-se que há um preconceito entre o trabalho manual e o intelectual, sabe-se que esta atitude é equivocada, pois ambos são trabalhos, e para a realização deles, é necessário que se gaste energia. Essa concepção tem origem muito antiga, desde a época colonial, onde a classe trabalhadora era responsável por toda força manual para a realização de tarefas, caso contrário, a burguesia oprimia os opressores por desobediência. Reforçando as nossas palavras, temos:

Por meio do pensamento crítico, o educando pode desmitificar a divisão social e técnica do trabalho, como, por exemplo, entre trabalho manual e intelectual, conceitos opressores estabelecidos pelos modelos de organização do sistema produtivo. A compreensão das contradições inerentes ao processo da divisão social do trabalho possibilitará ao educando da EJA melhor entendimento de sua relação com o mundo do trabalho e demais relações sociais. (PARANÁ, 2006, p.28).

Como vimos, é importante para os alunos de a EJA saberem o porquê acontece essa divisão, uma vez que, eles terão consciência de seu modo de vida, condição social e econômica, além do mais, entenderão o porquê de as pessoas os discriminarem.

Uma grande preocupação para a educação é oferecer conhecimentos indispensáveis ao educando, de modo que, este seja capacitado para entrar no mercado de trabalho, em função disso, os ambientes escolares se resumem a simplesmente formar pessoas treinadas a partir da

repetição e mecanicidade. O mesmo ocorre com a EJA, a diferença está no fato de, os novos personagens já estão inseridos no mundo competitivo, o objetivo de voltarem aos bancos escolares é de terem melhores empregos e aumentos salariais, além do mais, “Uma das razões pelas quais os educandos da EJA retornam para a escola é o desejo de elevação do nível de escolaridade para atender às exigências do mundo do trabalho”. (PARANÁ, 2006, p.33). Outra característica desse retorno é, caso aconteça de determinado indivíduo conseguir assimilar os conhecimentos durante o tempo que retornou às aulas, ele poderá voltar ao seu emprego atual, mas mudando de cargo, por outro lado, tentará uma nova oportunidade em outro empregador. Em suma:

O trabalho compreende, assim, uma forma de produção da vida material a partir da qual se produzem distintos sistemas de significação. É a ação pela qual o homem transforma a natureza e transforma-se a si mesmo. Portanto, a produção histórico-cultural atribui à formação de cada novo indivíduo, também, essa dimensão histórica. A ênfase no trabalho como princípio educativo não deve ser reduzida à preocupação em preparar o trabalhador para atender às demandas do industrialismo e do mercado de trabalho nem apenas destacar as dimensões relativas à produção e às suas transformações técnicas (ARROYO, 2001 apud PARANÁ, 2006, p.33).

Enfim, a educação deve prepara as pessoas a serem atuantes na sociedade e estarem aptas a resolverem quaisquer situações do cotidiano, indo mais além, aquela deve possibilitar que os sujeitos sejam cidadãos conscientes de seus deveres e direitos, é inaceitável formar um mundo mecânico, precisamos de seres flexíveis e compreensíveis que transmitam paz e que recusem qualquer ato de violência, seja ela física, sexual, discriminatória, cultural, social e econômica.

Referências Bibliográficas

BARROS, Edicleia dos S. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, Educação e Emancipação Humana. 11, 12, 13 e 14 de Abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC – Brasil. A função Social do Currículo Escolar no Ensino Médio: Reprodução, Redenção ou Transformação? Disponível em: http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_05/e05i_t007.pdf. Acesso em: 15 de Mai. de 2012.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em 22 de Mai. 2012.

OLIVEIRA, Inês B. Tendências Recentes dos Estudos e das Práticas Curriculares. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/1SF/Tendencias_praticas_curriculares.pdf. Acesso em: 15 de Mai. De 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos. Curitiba, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf. Acesso em: 22 de Mai. De 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA. INCLUSÃO É hora de aprender. Ano XXII, Número 206 – Outubro, 2007.

_____. O caminho do dinheiro. Ano I, Número 8 – Março/Abril 2009.

_____. Inclusão. Ano XXVI, Número 244 – Agosto/2011

SOARES, C.L., TAFFAREL, C.N.Z., VARJAL, E. et al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e Identidade: O currículo multiculturalista. In: _____. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 85-90.